

Poemas de Eugenio Montale (1896-1981)**

Tradução de

Maria Eneida Victor Farias

* MONTALE, Eugenio. *In: The Penguin Book of Italian Verse*. Baltimore, Maryland, Penguin Books, 1966.

** «Estou aqui porque escrevi poesias, um produto absolutamente inútil, mas quase nunca nocivo. Este é um de seus títulos de nobreza» — afirmou Eugenio Montale, na Academia Sueca, ao receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1975. Era então considerado um dos três grandes poetas italianos contemporâneos, junto com Ungaretti e Quasimodo.

Nasceu em Gênova, em 1896 e faleceu em Milão, a 15 de setembro de 1981. Montale é um poeta hermético; exprime-se em versos secos, limpos, quase duros. É considerado o poeta do desespero, do pessimismo. Mas a sua poesia reflete o seu tempo, sua vida, sua época. «É a soma dos fatos cotidianos» — como disse seu biógrafo Giulio Nascimbeni. Escreveu *OSSI DI SEPIA* (1925), *LA CASA DEI DOGANIERI* (1932), *LE OCCASIONI* (1939), *FINISTERRE* (1943), *LA BUFERA E ALTRO* (1956), etc.

Ao receber a notícia de que lhe havia sido atribuído o Prêmio Nobel de Literatura, comentou com os amigos:

— «Na vida triunfam tantos imbecis. Não gostaria de ser um deles».

VENTO SULLA MEZZALUNA

Il grande ponte non portava a te.
T'avrei raggiunta anche navigando
nelle chiaviche, a un tuo comando. Ma
già le forze, col sole sui cristalli
delle verande, andavano stremandosi.

L'uomo che predicava sul Crescente
mi chiese "Sai dov'è Dio?" Lo sapevo
e glielo dissi. Scosse il capo. Sparve
nel turbine che prese uomini e case
e li sollevò in alto, sulla pece.

Edimburgo. 1948

VENTO NO CRESCENTE

A grande ponte não levava a ti.
Ter-te-ia alcançado mesmo navegando
nas cloacas, a um teu comando. Mas
já as forças, com o sol nos cristais
das varandas, iam-se apagando.

O homem que pregava no Crescente
me perguntou: "Sabes onde está Deus?" Eu sabia
e lhe disse. Balançou a cabeça. Desapareceu
no turbilhão que levou homens e casas
e os ergueu para o alto, sobre o breu.

Edimburgo. 1948

GIORNO E NOTTE

Anche una piuma che vola può disegnare
la tua figura, o il raggio che gioca a rimpiattino
tra i mobili, il rimando dello specchio
di un bambino, dai tetti. Sul giro delle mura
strascichi di vapore prolungano le guglie
dei pioppi e giù sul trespolo s'arruffa il pappagallo
dell'arrotino. Poi la notte afosa
sulla piazzola, e i passi, e sempre questa dura
fatica di affondare per risorgere eguali
da secoli, o da istanti, d'incubi che non possono
ritrovare la luce dei tuoi occhi nell'antro
incandescente; e ancora le stesse grida e i lunghi
pianti sulla veranda
se rimbomba improvviso il colpo che t'arrossa
la gola e schianta l'ali o perigliosa
annunziatrice dell'alba
e si destano i chiostri e gli ospedali
a un lacerio di trombe...

DIA E NOITE

Mesmo uma pluma que voa pode desenhar
a tua figura, ou o raio que brinca de esconde-esconde
entre os móveis, o reflexo do espelho
de um menino, dos tetos. Sobre o círculo dos muros
listrados de vapor prolongam-se as agulhas
dos álamos e em baixo sobre o cavalete eriça-se o papagaio
do amolador. Depois a noite sufocante
na pracinha, e os passos, e sempre esta dura
fadiga de submergir para ressurgir iguais
por séculos, ou por instantes, de pesadelos que não podem
reencontrar a luz dos teus olhos no antro
incandescente; e ainda os mesmos gritos e os longos
prantos na varanda
se ressoa imprevisto o golpe que te avermelha
a garganta e arranca as asas oh perigosa
anunciadora da aurora
e despertam-se os claustros e os hospitais
a um lacerar-se de trompas...

MOTTETTO

Lo sai: debbo riperderti e non posso.
Come un tiro aggiustato mi sommuove
ogni opera, ogni grido e anche lo spiro
salino che straripa
dai moli e fa l'oscura primavera
di Sottoripa.

Paese di ferrame e alberature
a selva nella polvere del vespro.
Un ronzio lungo viene dall'aperto,
strazia com'unghia ai vetri. Cerco il segno
smarrito, il pegno solo ch'ebbi in grazia
da te.

E l'inferno è certo.

MOTE

Tu sabes: devo perder-te outra vez e não posso.
Como um tiro ajustado me agita
cada obra, cada grito e mesmo o respiro
salino que transborda
dos molhes e faz a obscura primavera
de Sottoripa.

Cidade de sucata e mastreação
de selva na poeira do fim da tarde.
Um zunido longo vem do aberto,
dilacera como unha nos vidros. Procuo o sinal
perdido, único penhor de amor que tive
de ti.

E o inferno é certo.